

## MÉSZÁROS E O SISTEMA DE CAPITAL SOVIÉTICO<sup>1</sup>

*Maria Cristina Soares Paniago*  
Professora da Faculdade de Serviço Social  
Universidade Federal de Alagoas

Decorridos cinco séculos de capitalismo na história mundial, não pudemos constatar a realização do crescimento universal contínuo e ascendente da riqueza social, da harmonia social e da felicidade geral, preciosos postulados do liberalismo, justificativa filosófica da ordem burguesa e de sua economia política.

A eclosão de profundas contradições e bloqueios na realização ampliada do capital e o esgotamento da expansão retificadora para a realização ininterrupta do valor que se autovaloriza, ao esbarrar com a impossibilidade de se estender infinitamente os mercados e a capacidade de consumo real dos trabalhadores, nos levaram, na altura dos anos 1970, a experimentar os limites civilizatórios do sistema do capital e sua inflexão irreversível a uma estratégia de autorreprodução destrutiva – a crise estrutural.

Crise estrutural que não atingiu exclusivamente o mundo capitalista, mas provocou efeitos profundos também naqueles países que nas primeiras décadas do século XX passaram a constituir a URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), influenciando de alguma forma na derrocada final, em 1991, da tentativa histórica mais original de construção do socialismo, como consequência da revolução russa de outubro de 1917.

Diferentemente de muitos outros pensadores e militantes revolucionários marxistas que puderam vivenciar direta ou indiretamente a tentativa da construção soviética do socialismo no início do século XX, István Mészáros (1930-2017), filósofo marxista húngaro, nem sequer havia nascido. Por um lado, pôde contar com um legado de contribuições teóricas e de realizações prático-políticas de enorme valia e diversidade, que lhe possibilitaram uma apreensão mais distanciada do desenrolar histórico da revolução de outubro que resultou no “socialismo” soviético. Por outro lado, pôde ainda viver na Hungria, nos anos de 1950<sup>2</sup>, os efeitos danosos que incidiram sobre o Estado húngaro, membro da URSS, subordinado aos interesses de Moscou e do stalinismo. A revolução húngara e o seu esmagamento com a invasão soviética foi, em 1956, o elemento que

---

<sup>1</sup> Artigo publicado na coletânea A Revolução de Outubro de 1917 – 100 anos depois. (NEEPO, Recife, 2018).

<sup>2</sup> Mészáros ingressou na Universidade de Budapeste em 1949, tendo sido assistente de Lukács de 1951 a 1956.

faltava para que Mészáros perdesse a esperança quanto à possibilidade de haver uma reorientação genuinamente socialista do sistema soviético.

Assim é que, segundo nosso autor, a partir do momento em que sentiu

diretamente o regime stalinista e a sangrenta repressão do levante de 1956 na Hungria pelo Exército Vermelho (aplaudida, para sua vergonha indelével, pelos partidos comunistas do Ocidente), (...) ficou muito claro que não apenas o proclamado fim da alienação no Leste era um conto de fadas, mas também que o sistema soviético existente absolutamente nada tinha em comum com o socialismo. (MÉSZÁROS, 2002, p. 44).

Nesse mesmo ano, Mészáros foge da Hungria e passa a investigar os fundamentos e contradições do “socialismo” soviético, a permanência da alienação e os insuperáveis antagonismos característicos do instável sistema de tipo soviético, temas recorrentes em suas primeiras publicações fora da Hungria, tais como *Marx e a Teoria da Alienação* (escrito entre 1959-1969, e publicado em 1970), e outros escritos entre 1970 e 1990, nomeadamente “*Poder Político e Dissidência nas Sociedades Pós-revolucionárias*” (1977) e “*Divisão de Trabalho e Estado Pós-capitalista*” (1985) (MÉSZÁROS, 2002, p. 45). Sua obra fundamental, na qual completa o exame de todas essas e outras questões, em época posterior à queda do sistema soviético, é *Para Além do Capital – rumo a uma teoria da transição*, publicado em 1995, em Londres, e em 2002, no Brasil.

Como sugerem os títulos mencionados, Mészáros constata que na URSS não se realizou o socialismo e se constituiu um novo poder político (Partido e Estado), que passou a impor uma nova forma politicamente regulada de exploração da força de trabalho, juntamente com uma apropriação coletiva do excedente, visando fortalecer um processo contínuo e expansivo de “acumulação socialista”. Embora com o uso de medidas inovadoras, a relação-capital permaneceu subordinando a produção e a distribuição “socialistas”, e a dominar a totalidade da reprodução social da sociedade pós-revolucionária, sem que o poder de decisão sobre suas vidas pudesse ser genuinamente exercido pelos trabalhadores da nova sociedade. Na URSS, reconstituiu-se uma nova forma de controle sociometabólico, sob o comando absoluto do capital e a dominação política do Estado pós-revolucionário sobre os trabalhadores “socialistas”. Em razão destas constatações e de seus fundamentos elucidativos, Mészáros passa a denominar aquela sociedade como pós-capitalista, uma vez que realizou a expropriação dos expropriadores, dos capitalistas individuais, ao mesmo tempo que repôs uma nova forma de apropriação da riqueza socialmente produzida,

agora exercida pelos representantes da burocracia do Partido e do Estado soviético. Superou-se o capitalismo, mas não a relação-capital e suas formas de controle sobre a reprodução da vida social.<sup>3</sup>

Em *Para Além do Capital* (mas não somente nele), Mészáros aprofunda a análise sobre os descaminhos da revolução de outubro de 1917, indo em busca de suas razões mais profundas, a partir do que havia intuído e constatado no evento do levante húngaro, e elaborado nos primeiros textos, em que analisava os limites e o fracasso da transição ao socialismo até aqui conhecida.

Alguns elementos fundamentais de sua crítica à experiência soviética, o caso mais abrangente e representativo de transição ao socialismo que atrai sua atenção, têm como tema condutor a reprodução do capital e de sua dominação hierárquica sobre o trabalho<sup>4</sup>, o que explica por que também lá se constituem novas personificações do capital e novas personificações do trabalho. Além da necessidade, na ausência do mercado e da propriedade privada, da presença de um poderoso e absoluto poder extraeconômico, exercido pelo Estado pós-capitalista e seu corpo burocratizado de gestores, como garantia da reprodução do todo social.

O avanço da história no início do século XX através da luta pela emancipação do trabalho (por ex., a revolução alemã) e o concomitante fortalecimento do capitalismo em escala mundial (tendência nem sempre devidamente considerada por pensadores e militantes revolucionários), provocando alguns efeitos retardadores na eclosão de uma crise geral do sistema do capital ansiosamente aguardada àquela época, compõem o cenário de fundo da impossibilidade de se completar com êxito os processos revolucionários de transição ao socialismo naquelas circunstâncias históricas.

A reconstrução de uma sociedade sob o comando dos revolucionários russos, profundamente marcada pelo czarismo e por uma economia de base camponesa, tendo de enfrentar de forma isolada no cenário mundial a emergência de profundos e danosos impedimentos internos

---

<sup>3</sup> Nas sociedades pós-capitalistas não se encontram mais algumas características vitais da ordem capitalista, tais como: a predominância da produção para a troca, a força de trabalho como mercadoria, o lucro como a força reguladora da produção, a apropriação privada da mais-valia, a tendência à “integração global” e ao mercado internacional hierarquizado e subordinador, através dos imperativos econômicos de crescimento e expansão. Instaura-se de forma “radicalmente alterada” a extração de sobretrabalho, a ser regulada política e não economicamente. (MÉSZÁROS, 2002, p. 736-737).

<sup>4</sup> Em *Para Além do Capital*, Mészáros (2002, p. 126) afirma que: “Para desempenhar suas funções produtivas, com a consciência exigida pelo processo de produção como tal – sem o que deixaria de existir o próprio capital –, o trabalho é forçado a aceitar um outro sujeito acima de si, mesmo que na realidade este seja apenas um pseudo-sujeito. Para isto, o capital precisa de personificações que façam a mediação (e a imposição) de seus imperativos objetivos como ordens conscientemente exequíveis sobre o sujeito real, potencialmente o mais recalcitrante, do processo de produção”.

e externos, acabou por recorrer ao controle político sobre a extração do trabalho excedente produzido pelos trabalhadores, os quais nenhum poder tinham sobre os processos de produção e distribuição, a não ser realizar as metas do planejamento central estabelecidas de cima para baixo pelos representantes do Partido e/ou pela burocracia do Estado soviético. Assim se manteve a relação-capital, mesmo tendo-se superado a sua forma capitalista até então conhecida na Europa Ocidental.

Todo o esforço em controlar o capital e sua lógica imanente de produção e reprodução se viu frustrado no decorrer dos anos. Dado de realidade, segundo Mészáros, que não impediu Stalin<sup>5</sup> de transformar o fracasso em conquista mais avançada, considerando que, na altura dos anos 1950, “a realização potencial do mais elevado estado de comunismo estava a ponto de ser completada” (MÉZÁROS, 2002, p. 748).

Stalin assegura que,

com a abolição do capitalismo e do sistema de exploração, o antagonismo de interesses entre o trabalho físico e mental também está destinado a desaparecer. E ele de fato desapareceu em nosso atual sistema socialista. Hoje, os trabalhadores físicos e o pessoal administrativo não são inimigos, mas camaradas e amigos, membros de um único corpo de produtores que está vitalmente interessado no progresso e na melhoria da produção. (STALIN *apud* MÉSZÁROS, 2002, p. 749).

Essa convicção não era exclusiva dos dirigentes soviéticos, mas estendia-se por toda a influência, e subordinação teórico-política, exercida por eles sobre os partidos comunistas pelo mundo afora. A distinção ontológica entre superação do capitalismo e ir-se para além do capital, de todas as suas formas de existência, não ocupava as preocupações estratégicas dos revolucionários do mundo. O alvo fundamental para a emancipação dos trabalhadores era a superação do capitalismo; desse modo, a construção do socialismo estaria assegurada com a tomada do poder político e a expropriação da propriedade privada. Pouco importava, a essa forma de pensar a revolução, a continuidade da “dominação estrutural sobre o trabalho” e a permanência da “divisão hierárquica do trabalho”, alardeada por Stalin como superada, já que para ele havia sido consumada a reintegração entre o trabalho manual e o trabalho intelectual.

A distinção entre capital e capitalismo é um ponto central na análise de Mészáros, tanto em sua crítica à experiência soviética, como ao delinear os desafios a serem enfrentados na elaboração de uma teoria de transição ao socialismo que possa ter algum êxito emancipatório duradouro no

---

<sup>5</sup> Stalin, “Economic Problems of Socialism in the U.S.S.R.” (1952), in *The Essential Stalin: Major Theoretical Writings 1905-52*, editado por Bruce Franklin, Londres, Croom Helm, 1973, pp. 457-8.

futuro. O capital não se reduz à forma capitalista e pode sobreviver a ele, reproduzindo-se em outras formações sociais. Para nosso autor, o desafio de superar o capital, depois de mais de 70 anos de “socialismo” soviético, não foi realizado, “nem mesmo identificado como necessário por seus dirigentes ou analistas mais apaixonados”. Os partidos comunistas tradicionais “não falavam em superação do capital, falavam em abolição do capitalismo. Capital era um conceito que não entrava em suas cabeças” (MÉSZÁROS, 2013, p. 23).

No sistema de capital soviético, através de mediações políticas, o capital mantém-se como a mediação primária dominante na produção e reprodução sociais. Em razão disso, ao “remover os capitalistas da estrutura de tomada de decisões de um país – isoladamente ou em muitos deles – o comando sobre o trabalho não é, *ipso facto*, restituído ao trabalho” (MÉSZÁROS, 2002, p. 718). Surge, então, a necessidade de se substituir as anteriores personificações do capital (os capitalistas) por novas personificações do capital (os dirigentes do partido e a burocracia do Estado), para que estas possam, como faziam os capitalistas, tomar as decisões que movem o modo de controle do capital soviético à acumulação e em direção à expansão. Em outras palavras, Mézáros afirma que surge, “na Rússia pós-revolucionária, (...) uma nova forma de ‘personificação do capital’, que poderia operar um ritmo forçado de extração do trabalho excedente em nome da revolução e para o propósito declarado da necessária ‘acumulação socialista’” (MÉSZÁROS, 2002, p. 81).

Para nosso autor, a partir de Marx, “o *capital* dá origem ao *capitalista*”<sup>6</sup>, e, nesse sentido, da mesma forma o sistema de capital soviético é que viabilizará à personificação pós-capitalista ocupar a função de operar os meios extraeconômicos adequados à extração do trabalho excedente no processo de produção e de valorização necessário à acumulação socialista (MARX *apud* MÉSZÁROS, 2002, p. 723).

Mézáros acrescenta, com a devida atenção, que

não é o burocrata<sup>7</sup> que produz o perverso sistema do capital de tipo soviético, por mais que ele esteja implicado em sua desastrosa condução, mas, antes, a forma de capital pós-capitalista herdada e reconstituída faz emergir sua própria personificação na forma do burocrata como o equivalente pós-capitalista do antigo sistema do capital. (MÉSZÁROS, 2002, p. 720).

O trabalho também sofreu modificações substantivas na relação-capital, uma vez que deixou sua condição de mercadoria, e, portanto, de estar voltado à realização do valor de troca no

---

<sup>6</sup> Marx citado por Mézáros com base nas *Economic Works: 1861-1864*, p. 245. Itálicos de Marx.

<sup>7</sup> Sobre esta questão, de forma mais aprofundada e com base no pensamento de Mézáros, ver Paniago (2017).

mercado de trabalho para garantir sua sobrevivência e reprodução. Como vimos, estes modos de existência típicos do capitalismo não mais constituem, como faziam antes, a nova sociedade soviética. O trabalho não deixa de ser um trabalho alienado, tanto em relação aos meios de produção, como quando se vê expropriado de sua própria produção e submetido à vontade de um poder a ele hostil e antagônico. Torna-se uma personificação do trabalho “socialista” alocado, de acordo com as necessidades da acumulação socialista comandada pelo Estado soviético (“único empregador”)<sup>8</sup>, na cadeia produtiva e de consumo.

De maneira análoga ao capitalismo, a força de trabalho soviética deve ser administrada com vistas à reprodução e à manutenção de contingentes suficientes de trabalhadores para atender à produção crescente do trabalho excedente, com algumas diferenças não desprezíveis de benefícios sociais fornecidos pelo Estado, como recompensa àqueles que se submetem às condições políticas vigentes, à subordinação ao regime imposto de trabalho e à realização das metas de produção. Mandel (2017, p. 247) aponta para a constituição de “relações social-paternalistas que uniam os trabalhadores à burocracia”. O preço de sua impotência, diante da subordinação política e econômica inexorável, era atenuado por

importantes direitos sociais, notável seguridade no emprego, garantia de trabalho, e um salário social que incluía assistência médica e educação gratuita em todos os níveis, pensões, moradia subvencionada, serviços comunitários, lazer e atividades culturais, transporte público, alimentação básica etc. Em 1984, isto representava dois terços do salário e dava aos trabalhadores um sólido nível de segurança econômica. Deixando a propaganda oficial de lado, havia uma base material para que os trabalhadores vissem o Estado como um pai protetor, embora autoritário e corrupto. O Estado-pai também os defendia contra o hostil mundo capitalista.

Todavia, não foi o suficiente para que o “‘trabalhador socialista’ cumpridor e supercumpridor de normas sob o sistema do capital pós-capitalista” reconhecesse a sociedade soviética como sua (MÉSZÁROS, 2002, p. 721). A vigência do trabalho alienado (MÉSZÁROS, 2002, p. 747), como já mencionado, provoca a reação dos trabalhadores de forma intermitente. Assim analisa Mészáros as causas da recalcitrância do trabalhador “socialista”:

A combinação infeliz da tomada de decisão administrativa hierárquica no local de trabalho com o ressentimento arraigado de quem sofre as consequências desta forma de alienação “socialista” de sua própria capacidade de decisão só pode produzir, por um lado, a “*anarquia do lugar de trabalho*”, que aparece na forma de trabalho adicional além das horas normais, no desperdício de material e de tempo, na baixa motivação para aprender habilidades novas e mais desenvolvidas e no exercício negligente da habilidade produtiva até mesmo em seu mais baixo nível etc. Por outro lado, como corolário e remédio ilusório, aparece a intensificação contraproducente do controle burocrático centralizado, do qual o sistema stalinista representa um exemplo histórico particularmente agudo e trágico. (MÉSZÁROS, 2002, p. 866).

---

<sup>8</sup> Um rico material sobre a situação da classe trabalhadora na URSS, até sua derrocada final, está disponível no texto de David Mandel, “*Por que não há revoltas? A classe trabalhadora russa e o movimento operário*”. Ver Mandel (2017).

A reconstituição da relação-capital na nova modalidade de exploração política da força de trabalho, como se deu no sistema orgânico do capital pós-capitalista, necessitou de um enorme fortalecimento do Estado (a “estrutura de comando totalizante do capital”), como o terceiro elemento da “relação de autossustentação recíproca” entre Estado, capital e trabalho (MÉSZÁROS, 2002, p. 929/576).

O Estado tornou-se o lócus superdimensionado da defesa da revolução, tendo de controlar a reprodução social sob uma base material herdada, na qual a propriedade exclusivista pôde apenas mudar de mãos<sup>9</sup>. É a partir deste lugar vital ocupado pelo Estado como sustentação política direta das condições de produção e da reprodução sociais soviéticas que se pode esclarecer o papel da burocracia e o seu poder degenerador que, mesmo depois de Stalin, aprofundou-se até os momentos finais da URSS. Para Mészáros, “a controvertida questão dos ‘privilégios burocráticos’ não é simplesmente uma questão do pessoal envolvido, mas, acima de tudo, da conservação pelo Estado de funções objetivamente ‘privilegiadas’ – isto é, estrategicamente vitais – no sociometabolismo geral” (MÉSZÁROS, 2002, p. 1.060).

Esse conjunto de contradições apontado criticamente por Mészáros é da maior importância para a revolução socialista (preservado seu conteúdo essencial de superação da velha ordem social, no sentido da emancipação real e plena dos indivíduos sociais) e não pode nos constranger e imobilizar diante dos desafios de uma necessária transição para além do capital, e não apenas do capitalismo.

Em 2017, comemoramos os 100 anos da Revolução Russa. Uma revolução fracassada, no tempo histórico em que se deu. No entanto, hoje vemos que é a expressão mais contundente, urgente e atual da necessidade histórica da superação do capital, em crise estrutural, para que possamos priorizar o atendimento das necessidades humano-genéricas e aproveitar a enorme potencialidade material e social até aqui alcançada, no sentido do pleno desenvolvimento omnilateral da humanidade.

A crítica profunda de nossos descaminhos revolucionários, ao contrário do que muitos pensam, não nos afasta da revolução<sup>10</sup> e da necessidade de concebermos uma teoria da transição

---

<sup>9</sup> Em Paniago (2017) encontram-se mais elementos acerca da função social desempenhada pelo Estado soviético e a burocracia, segundo a análise de Mészáros.

<sup>10</sup> Marx, no *Dezoito de Brumário de Luis Bonaparte*, não estava desatento a respeito dos problemas que as revoluções proletárias enfrentariam: “as revoluções proletárias, como as do século XIX, criticam constantemente a si próprias,

que incorpore as lições do passado, que supere modelos ossificados de revolução e que inove na compreensão das contradições fundamentais da era destrutiva do sistema do capital. O próprio sistema do capital e sua incapacidade crescente de dar conta das contradições que ele próprio produz e reproduz, sem que as possa solucionar, bem como de manter sua legitimidade como a forma histórica mais eficiente e sustentável de produção de trabalho excedente, ressaltam a atualidade da revolução socialista, com a qual poderemos prosperar até a igualdade e a liberdade plenas.

Mészáros desenvolveu com gigantesca determinação um mergulho profundo nas causas do fracasso da construção do socialismo na URSS. Com seu falecimento em 1º de outubro de 2017, deixa-nos uma enorme contribuição crítica em suas obras e uma exortação para que não nos rendamos às condições do presente e às desilusões do passado socialista idealizado.

Pôde afirmar, desde os acontecimentos do levante húngaro, ainda jovem em 1956, até sua morte, com destacada coerência em sua crítica ontológica, a necessidade do socialismo e de uma nova teoria da transição que nos leve até ele. Para nosso autor, “só se poderia permanecer socialista apesar e não por causa da União Soviética, ao contrário da maneira como muita gente no Ocidente tentou preservar suas convicções esquerdistas por delegação, abstraindo as condições de seus próprios países e ao mesmo tempo ficcionalizando a realidade de seu proclamado modelo” (MÉSZÁROS, 2002, p. 44).

E acrescenta ainda, para não deixar dúvida àqueles que possam ver sua crítica contundente ao sistema do capital soviético como prejudicial à proposição emancipadora genuína do socialismo de Marx:

a importância do projeto socialista é infinitamente maior do que a da antiga União Soviética. Ele foi concebido como um meio de superar o poder do capital muito tempo antes da existência da União Soviética e permanecerá conosco, numa forma adequada às circunstâncias históricas alteradas, muito tempo depois que o pesadelo stalinista estiver completamente esquecido. O desafio de ir “para além do capital” por meio do estabelecimento de uma legítima ordem socialista diz respeito a toda a humanidade. (MÉSZÁROS, 2002, p. 45).

---

interrompem continuamente seu curso, voltam ao que parecia resolvido para recomencá-lo outra vez, escarnekem com impiedosa consciência das deficiências, fraquezas e misérias de seus primeiros esforços, parecem derrubar seus adversários apenas para que estes possam retirar da terra novas forças e erguer-se novamente, agigantados, diante delas, recuam constantemente ante a magnitude infinita de seus próprios objetivos até que se crie uma situação na qual se torne impossível qualquer retrocesso e na qual as próprias condições gritam: *Hic Rhodus, hic salta!* Aqui está Rodes, salta aqui!”. (MARX *apud* MÉSZÁROS, 2002, p. 400 – nota 28).

Que as ideias de Mészáros aqui reproduzidas, aproveitando esse espaço de debate sobre os 100 anos da Revolução Russa, possam expressar, com uma merecida homenagem póstuma, sua incansável trajetória à busca de compreender os desafios históricos de nosso tempo até a revolução – a “segunda revolução” ainda a ser realizada, como previu prematuramente Gracus Babeuf em 1797, durante a Revolução Francesa, no *Manifesto dos Iguais*.

#### Bibliografia:

MANDEL, D. “Por que não há revoltas? A classe trabalhadora russa e o movimento operário.” *In: Mészáros e a Crítica à Experiência Soviética*. São Paulo: Instituto Lukács, 2017.

MÉSZÁROS, I. *Para Além do Capital – rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Editora Boitempo, 2002.

\_\_\_\_\_. Revista Novos Temas, nº 8. Entrevista. São Paulo: Instituto Caio Prado, 2013.

PANIAGO, M.C.S. “Burocracia e Estado do Capital Pós-capitalista”. *In: Mészáros e a Crítica à Experiência Soviética*. São Paulo: Instituto Lukács, 2017.